

TODAS AS ARTES

.....

REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA

ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 1, Jan.-Abr. 2024
ISSN 2184-38052

MUITO MAIS QUE UM GRITO. HISTÓRIA E LITERATURA NO COMBATE AO AUTORITARISMO^{1.]}

MUCH MORE THAN A CRY. HISTORY AND LITERATURE IN THE FIGHT AGAINST AUTHORITARIANISM

BIEN PLUS QU'UN CRI. HISTOIRE ET LITTÉRATURE DANS LA LUTTE CONTRE L'AUTORITARISME

MUCHO MÁS QUE UN GRITO. HISTORIA Y LITERATURA EN LA LUCHA CONTRA EL AUTORITARISMO

Cláudia Fontineles

Universidade Federal do Piauí, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil e Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Teresina, Piauí, Brasil

RESUMO: O texto visa discutir a relação existente entre História e Literatura no combate ao autoritarismo, seja no Brasil ou no mundo, pois a obra literária “Os que bebem como os cães”, de autoria do escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, publicada em 1975, não precisa em qual tempo ou território geográfico a trama ocorre. Ainda assim, o livro aborda questões referentes às mordanças geradas pelo autoritarismo, suas práticas de repressão e de silenciamento, assim como as formas de resistência a essas práticas. Escrito em uma temporalidade psicológica, incorpora e aborda questões fundamentais pertinentes ao contexto histórico de sua produção: o Brasil que vivia sob uma ditadura civil-militar. Analisamos como a obra literária discute temas como violência, humilhação, liberdades individuais e sua supressão, que ameaçam a vida democrática e a dignidade humana, além de abordar o significado dessas questões para a história brasileira no recorte temporal em que foi escrita e publicada. Com isso, pretendemos discutir como a produção literária pode contribuir para refletir acerca da democracia e do autoritarismo em diferentes momentos históricos, mais especificamente, no tempo de sua produção. Para tanto, a pesquisa recorre à análise da referida obra, bem como os estudos historiográficos sobre o período ditatorial no Brasil, para entender as interfaces entre História e Literatura no combate ao autoritarismo.

Palavras-chave: história, literatura, política.

^{1.]} Pesquisa desenvolvida com auxílio da Bolsa de Produtividade Científica do CNPq – chamada nº 09/2022-PQ.

ABSTRACT: The text aims to discuss the relationship between history and literature in the fight against authoritarianism, whether in Brazil or around the world, since the literary work "Os que bebem como os cães" (Those who drink like dogs), by the writer from Piauí, Francisco de Assis Almeida Brasil, published in 1975, does not specify in which time or geographical territory the plot takes place. Even so, the book addresses issues relating to the gags generated by authoritarianism, its practices of repression and silencing, as well as the forms of resistance to these practices. Written in a psychological temporality, it incorporates and addresses fundamental issues pertinent to the historical context of its production: Brazil, which was living under a civil-military dictatorship. We analyze how the literary work discusses themes such as violence, humiliation, individual freedoms and their suppression, which threaten democratic life and human dignity, in addition to addressing the significance of these issues for Brazilian history in the time frame in which it was written and published. With this, we intend to discuss how literary production can contribute to reflecting on democracy and authoritarianism at different historical moments, more specifically, at the time of its production. To this end, the research uses an analysis of the aforementioned work, as well as historiographical studies on the dictatorial period in Brazil, to understand the interfaces between History and Literature in the fight against authoritarianism.

Keywords: history, literature, politics.

RÉSUMÉ: Le texte vise à discuter de la relation entre l'histoire et la littérature dans la lutte contre l'autoritarisme, que ce soit au Brésil ou dans le monde, étant donné que l'œuvre littéraire "Os que bebem como os cães" (Ceux qui boivent comme des chiens), de l'écrivain Francisco de Assis Almeida Brasil, originaire de Piauí, publiée en 1975, ne précise pas à quelle époque ou sur quel territoire géographique se déroule l'intrigue. Cependant, le livre aborde des questions relatives aux gags générés par l'autoritarisme, ses pratiques de répression et de silence, ainsi que les formes de résistance à ces pratiques. Écrit dans une temporalité psychologique, il intègre et aborde des questions fondamentales liées au contexte historique de sa production : le Brésil, qui vivait sous une dictature civilo-militaire. Nous analysons la manière dont l'œuvre littéraire aborde des thèmes tels que la violence, l'humiliation, les libertés individuelles et leur suppression, qui menacent la vie démocratique et la dignité humaine, ainsi que l'importance de ces questions pour l'histoire du Brésil à l'époque où elle a été écrite et publiée. Ainsi, nous avons l'intention de discuter de la manière dont la production littéraire peut contribuer à la réflexion sur la démocratie et l'autoritarisme à différents moments de l'histoire, et plus particulièrement au moment de sa production. À cette fin, la recherche utilise une analyse de l'œuvre susmentionnée, ainsi que des études historiographiques sur la période dictatoriale au Brésil, pour comprendre les interfaces entre l'histoire et la littérature dans la lutte contre l'autoritarisme.

Mots-clés: histoire, littérature, politique.

RESUMEN: El texto tiene como objetivo discutir la relación entre la historia y la literatura en la lucha contra el autoritarismo, ya sea en Brasil o en todo el mundo, ya que la obra literaria "Os que bebem como os cães" (Los que beben como los perros), del escritor Francisco de Assis Almeida Brasil, de Piauí, publicada en 1975, no especifica en qué época o territorio geográfico se desarrolla la trama. Aun así, el libro aborda cuestiones relacionadas con las mordazas generadas por el autoritarismo, sus prácticas de represión y silenciamiento, así como las formas de resistencia a estas prácticas. Escrita en una temporalidad psicológica, incorpora y aborda cuestiones fundamentales pertinentes al contexto histórico de su producción: Brasil, que vivía bajo una dictadura cívico-militar. Analizamos cómo la obra literaria discute temas como la violencia, la humillación, las libertades individuales y su supresión, que amenazan la vida democrática y la dignidad humana, además de abordar el significado de estas cuestiones para la historia brasileña en la época en que fue escrita y publicada. Con esto, pretendemos discutir cómo la producción literaria puede contribuir a reflexionar sobre la democracia y el autoritarismo en diferentes momentos históricos, más específicamente, en el momento de su producción. Para ello, la investigación utiliza el análisis de la obra citada, así como estudios historiográficos sobre el período dictatorial en Brasil, para comprender las interfaces entre Historia y Literatura en la lucha contra el autoritarismo.

Palabras-clave: historia, literatura, política.

1. Introdução: a História e suas reminiscências

Tem medo de morte,
mata-se, sem medo?
Ou medo é que o mata
[...]
Por que vive o homem?
Quem o força a isso, prisioneiro insonte?
Como vive o homem, se é certo que vive?
Que oculta na frente?
[...]
Que milagre é o homem?
Que sonho, que sombra?
Mas existe o homem?
(Andrade, 2002).
Resta-lhe uma única arma
O sangue que redime do passado vago
Do presente conturbado
Do futuro incerto
(Brasil, 2009).

Walter Benjamin (1996), em seu texto “Sobre o conceito de História”, publicado em 1940, analisa como - por meio do conhecimento histórico - podemos ser capazes de integrar o passado ao presente - mesmo que sob a forma de reminiscências -, em nome de um futuro. Nesse sentido, enuncia que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1996: 224). Este artigo discute em que medida a obra literária “Os que bebem como os cães”, de autoria do escritor brasileiro Francisco de Assis Almeida Brasil (2009), nascido no estado do Piauí, integrante da terceira geração modernista (denominada de Geração de 45), pode contribuir para viabilizar tal feito a partir da utilização de linguagens artísticas, como a literatura, como recurso para o despertar a consciência histórica sobre o autoritarismo e a liberdade em tempos da vigência da ditadura civil-militar na *Terra Brasilis*.

Essa obra, publicada em 1975 - anos de plena atuação das medidas de exceção implantadas no Brasil pós-golpe civil-militar de 1964 e intensificadas pelo Ato Institucional (AI) nº 5, de 13 de dezembro de 1968 -, aborda questões referentes às mordidas geradas pelo autoritarismo, suas práticas de repressão e de silenciamento a todo brasileiro que fosse considerado adversário do governo ditatorial, assim como as formas de resistência a essas práticas. Essa medida visava ser um mecanismo jurídico que desse amparo ao agravamento dos arbítrios cometidos pelos aliados da ditadura, pois pretendia ser uma ferramenta legal para amparar o autoritarismo em curso no país desde a implantação do golpe, em 1964. Aprovado pela gestão de Artur Costa e Silva, previa, em descumprimento aos preceitos constitucionais, como prerrogativa do presidente da República: a cassação dos mandatos de deputados, senadores e vereadores; a suspensão dos direitos políticos dos brasileiros; o fechamento do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas dos estados e das Câmaras de Vereadores nos municípios; a intervenção do Governo Federal nos municípios e estados e a nomeação de interventores; a implantação de estado de sítio sem a prévia autorização do Poder Legislativo; a proibição do direito de habeas *corpus*, entre tantas outras arbitrariedades. Isso

explicitava a face repressiva, violenta e autoritária dos governos de exceção, e com ela, as diferentes formas de abuso contra qualquer cidadão brasileiro, que fosse considerado um adversário do autoritarismo vigente. O Ato abusivo continuara em vigência durante os mandatos dos presidentes-generais que se seguiram: Garrastazu Médici e Ernesto Geisel – que governava o país quando Assis Brasil publicara o livro (Ferreira & Gomes, 2014; Ridenti, 2014; Aarão Reis, 2010; Napolitano, 2002).

Embora a obra literária em apreço não especifique o tempo e o espaço geográfico em que a trama ocorre - pois trabalha com uma temporalidade psicológica -, podendo ser relacionada a qualquer evento que remeta a práticas autoritárias, no Brasil ou no mundo, aborda questões fundamentais referentes à configuração histórica do cenário brasileiro do tempo em que foi escrita: a configuração histórica de uma ditadura civil-militar. Assis Brasil, utilizando os artifícios de uma escrita densa e envolvente, trata temas como liberdades individuais e sua privação, as diferentes formas de violência e de humilhação física e psicológica, que ameaçavam a vida, as liberdades individuais e a dignidade humana dos personagens retratados no texto, mas também aborda o significado dessas questões para a vida social do país, para além dos sujeitos retratados em seu texto, pois, pela não especificação tempo-espacial de onde/quando o enredo ocorre, a obra permite que sua validade extrapole os domínios temporais em que foi publicada, e alcance outros tempos e diferentes sujeitos que defendam ou combatam o uso/abuso de violências e torturas por agentes estatais contra os adversários políticos ou contra quaisquer pessoas consideradas como tal.

Nesse sentido, essa obra de Assis Brasil aborda temas universais, que podem ser inseridos naquilo que Henry Rousso denominou de “um passado que não passa” (Delacroix, 2018; Arend & Macedo, 2009), por remeter a temas que continuam a despertar o interesse no presente, a partir das polêmicas e disputas que geram, entre as quais destacamos as geradas a partir das medidas de exceção tomadas pelos agentes públicos durante a ditadura civil-militar em vigência no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, mas que ecoaram e ecoam na sociedade brasileira até os dias hodiernos. Essa associação entre a obra literária e a configuração histórica vivida no Brasil durante sua publicação, o ano de 1975, é feita por nós – não explicitamente pelo autor, nem tampouco pela obra, que, como dissemos, não precisa o tempo, nem o espaço onde se passa. Nós, é que, na condição de “caçadores” que a leitura nos impele, decidimos, arbitrariamente, estabelecer essa relação (Certeau, 1996).

No presente texto, consideramos que ao abordar esses temas e essas questões, Assis Brasil discute temas nevrálgicos para entender a história brasileira no recorte temporal em que foi escrita e publicada, e também para suscitar a sensibilização e a consciência histórica nos leitores pós-escrito e pós-publicação. Entendemos a obra como uma linguagem-testemunha contemporânea ao tema abordado, mas também como um registro histórico para as gerações futuras que mantiverem contato com o texto literário dentro da linha defendida por Paula Guerra (2023a, 2023b).

Sob essa perspectiva, pretendemos analisar a obra em tela como uma fonte histórica que desperta o interesse sobre o período histórico de sua produção, ao mesmo tempo que oferece provocações aos leitores sobre a gravidade da imersão em um contexto autoritário. A obra é analisada por nós como uma linguagem artística que é, que carrega consigo as singularidades de não pretender, nem ser uma obra historiográfica, portanto, que não assume os rigores exigidos à produção do conhecimento histórico-acadêmico, mas sim como um texto literário que aborda as manifestações do autoritarismo sobre as pessoas,

tentando entender que danos isso gera em relação ao contexto de suas práticas – tanto entre as pessoas, como entre as instituições, pois o professor Jeremias – retratado no texto como personagem central do romance – não está só em sua condição degradante. Vive subjugado pelas diferentes formas de opressão e violência. O romance aborda múltiplas práticas de agressões e de violações exercidas contra os corpos dos detentos por “homens de botas” – em franca alusão às forças de segurança do Estado, entre as quais podem estar inseridas membros das Forças Armadas e demais agentes que compõem todo o aparato estatal de segurança do Brasil, em diferentes esferas da federação, podendo até ser civis apenas fardados, como o autor cogita em algumas partes da obra.

O que se pode inferir em relação a isso é que autor faz uma advertência valiosa sobre os riscos da atuação de sujeitos autoritários – que podem compor ou não o aparato de segurança estatal, mas que geralmente estão inseridos nesse meio ou se identificam com o processo de degradação dos direitos civis no país (incluindo aí os direitos humanos e políticos, pois os encaramos como indissociáveis), seja durante o período ditatorial ou mesmo após a redemocratização (Schwarcz, 2019; Schwarcz & Starling, 2015). Visamos, então, discutir o papel que o texto de Assis Brasil pode desempenhar no despertar da consciência histórica sobre o período histórico em que foi escrito e as posições da sociedade brasileira frente a esses temas. Para tanto, o estudo recorre à análise da referida obra, bem como à historiografia que discute sobre as práticas autoritárias assumidas pelo regime de exceção vivido no Brasil na década de 1970.

2. História e Literatura entre suspeições e encontros

A História é companheira da Literatura desde a gestação de ambas, ora se complementando, ora se contrapondo uma à outra. Sobre ambas, todavia, paira também uma desconfiança constante: não teriam elas objetos e problemas de estudos originários que fossem específicos de sua formulação. Contra a Literatura é posta a suspeição de ela não apresentar um objeto próprio, como salienta William Marx, ao declarar que “a filosofia busca a sabedoria, a ciência a verdade na natureza, a teologia o conhecimento de Deus etc. Só a Literatura não tem objeto próprio: na verdade tinha, mas foi subtraído dela” (Marx, 2019: 8).

Em relação à História, pairam a mesma desconfiança e os mesmos desafios:

Todas as outras disciplinas se definem pelo tema, pelo campo ou pelos objetos de seus estudos (como a antropologia, a crítica literária, a biologia), ou, ainda, por perseguir princípios mediante rigorosos procedimentos mentais internos para criar um mundo de sentido (filosofia, matemática). Não é o que acontece com a história. Ela não tem campo nem princípios próprios. Os historiadores podem escolher seu assunto em qualquer domínio da experiência humana (Schorske, 2000: 248).

Carl Schorske diz mais: afirma que a musa da História (Clio) é “boa em encontros” com as outras disciplinas num constante “jogo de encontros” por meio dos quais procura encontrar a autoridade e força explicativa num processo ou numa configuração temporal (Schorske, 2000: 242-243). Na tentativa de explicar o passado, a História relaciona os particulares aos conceitos e às categorias analíticas, conforme sua ordenação de temporalidades, em que Clio tece seu fio com materiais que escolheu, mas não plantou, e com conceitos que adotou, mas não criou e essa habilidade sua foi apreciada – adverte o autor -, “às vezes para ser cortejada, às vezes, escravizada” (Schorske, 2000: 243).

Essas advertências acentuam-se sobremaneira quando as inter-relações existentes entre História e Literatura são propostas, visto que, *a priori*, atribuir-se-ia à primeira a responsabilidade e o compromisso em produzir uma narrativa referenciada em *corpus* documentais, enquanto à segunda caberiam as esferas da invenção e da criação na emergência da narrativa ficcional, naquilo que Walter Benjamin advertira ao afirmar que “o historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo” (Benjamin, 1996: 209). Dessa forma, o historiador não pode prescindir do quadro de referencialidade que seu ofício exige.

Assim, neste trabalho, a Literatura é tratada na perspectiva proposta por Aldrin Figueiredo (1998), como fonte de História e não como fonte para História, abordando sua relevância como mais um discurso que (re)constrói e propõe denúncias da realidade. Também consideramos a obra literária como uma produção ficcional, na perspectiva defendida por Alfredo Bosi, quando afirma que mesmo que o *quantum* de real histórico seja ponderável, o modo de trabalhar é ficcional, posto que “o romancista não mente nunca porque ele efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado” (Bosi, 2015: 224). Assim, o cenário histórico é considerado pela força simbólica que produz no autor e que o inspira a escrever.

Em “Os que bebem como os cães”, Assis Brasil – a pretexto de o personagem central estar recuperando a memória – informa em letras garrafais que “a obra de arte não deve se submeter ao real” e logo acrescenta – também em letras garrafais que “a arte também não deve fugir ao real” (Brasil, 2009: 132)^{2]}. Nesta pesquisa, também consideramos como valiosa a advertência feita por Nicolau Sevcenko (2003), quando destaca que todo o escritor possui uma liberdade “condicionada”, ao lembrar que este é influenciado por seu tempo e por seu espaço, e esses elementos reverberam em sua produção artístico-literária. O pesquisador lembra ainda que, caso não fosse assim, a legibilidade textual ficaria ameaçada, uma vez que são os referentes que possibilitam ao leitor ler, compreender e interpretar o texto (Guerra, 2020, 2017).

Os desafios aos campos da História e da Literatura permanecem, sobretudo quando as duas áreas são provocadas simultaneamente a oferecer subsídios para entender as ações humanas no tempo, em especial quando se trata de um tempo de torturas e de violência institucionalizada, como quando se analisa um romance como “Os que bebem como os cães”, vencedor do Prêmio Nacional Walmap de 1975 – dez anos após Assis Brasil vencer o mesmo prêmio com a obra “Beira Rio Beira Vida”, em 1965. Em 1975, a obra também venceu o Prêmio Joaquim Manuel de Macedo.

3. A resistência como luta em defesa da consciência de si

O romance de 1975, cujo enredo é composto de três elementos que se repetem sucessivamente na composição dos capítulos da obra, sob a forma de capítulos: *A Cela*, *O Pátio*, *O Grito*, envolve o leitor com a História de um homem sem memória, aprisionado em um cárcere, sem consciência de quem é (nome, idade, profissão, família, história), onde está,

^{2]} Por questões estilísticas, optamos por não manter a citação em letras garrafais, como consta no original.

nem o que provocou sua prisão, que aos poucos vai recuperando fragmentos de sua memória e se recorda de seu nome: Jeremias, e de sua profissão: professor de Literatura e de Artes, bem como de outros resíduos de seu passado, de forma desordenada e desorientada. Os capítulos são intercalados com a sucessão de capítulos curtos, com uma linguagem concisa e direta, que vai revelando as condições angustiantes a que os homens aprisionados são submetidos. Os capítulos são intercalados sucessivamente por três títulos que remetem a dois lugares que os nomeiam, *A Cela* e *O Pátio*, e a uma ação, *O Grito*.

Nos capítulos intitulados com nome de áreas de uma prisão (*A Cela* e *O Pátio*), há uma densa descrição sobre a condição de isolamento a que os prisioneiros estão submetidos, onde ocorrem variadas ações de violência contra o indivíduo (cela), intercalados com o contato do personagem com outros prisioneiros (pátio), o que permite visualizar que as violações e agressões não eram praticadas tão somente contra um indivíduo específico, mas contra um coletivo de pessoas aprisionadas, algo que leva algum tempo – como todo o processo de construção da consciência do personagem - para ser percebido por ele: “Abriu os olhos e pôde [sic] ver em frente: uma fila de homens, todos amordaçados como ele. Eram o seu espelho: estavam ali para as mesmas coisas” (Brasil, 2009: 16). Notemos bem: homens algemados, amordaçados, a quem era negado qualquer direito à dignidade. Agredidos, cabeças raspadas para serem homogeneizados em um processo de coisificação. Negado o direito de se alimentarem ou de beberem, tinham que curvar-se, com as mãos algemadas para trás, para beber como os cães; percorriam as etapas “da dor, da imundície, da humilhação” (Brasil, 2009: 114). A descrição de diferentes formas de tortura vai se avolumando pelo romance e desperta a atenção do leitor para a dor enfrentada no cárcere por aqueles homens que sequer sabiam por que eram torturados:

Um murmúrio, vozes, depois alguns gritos. O seu vizinho estava sendo açoitado: berrava, gritava por Deus, pela mãe – me matem logo, dizia [...]. Seu corpo era jogado de encontro à parede – podia sentir o choque da carne macerada, o grito mais cortante. O homem estava sendo castigado [...] (Brasil, 2009: 116).

O castigo supostamente derivava do descumprimento do detento a uma regra da prisão: não se poderia gritar, contestar as violências sofridas, senão, seriam alvo de mais violência ou até da pena capital, como segue a descrição de Jeremias sobre as torturas a seu vizinho de cela:

O seu vizinho continuava a apanhar – debatia-se, era atirado de encontro à parede de sua cela [...]. Os gritos do preso diminuía, mas eram mais dolorosos e, quando o ouviu dizer novamente, me matem logo, me matem logo, o ar abafado da cela foi quebrado, como estilhaçado pelo matraquear de uma arma. Conhecia bem, de algum lugar, aqueles sons. A metralhadora acabara de rasgar o companheiro, e o silêncio voltou, cortante e hostil (Brasil, 2009: 116 – gritos nossos).

A cena dolorosa de tortura e assassinato é descrita ao longo do desenvolvimento do romance, que desde o início é provocativo e cortante, com o parágrafo inaugural iniciando com a seguinte frase: “A escuridão é ampla e envolvente”. Expressão que se repete no livro (Brasil, 2009: 13). Mas, por não estar localizado em tempo e espaço específico, pode se referir a qualquer contexto em que a opressão e a violência campeiam contra as liberdades individuais ou coletivas. O romance também não oferece uma identificação individual, embora o enredo descreva o sofrimento e a tomada lenta, dolorosa e fragmentada de consciência de si e de seu contexto pelo personagem central, em um processo de despertar

entrecortado de esquecimentos e de lacunas, como se o autor quisesse instigar o leitor para a importância do despertar da memória acerca de uma história traumática e ainda em disputa (Thompson, 2002).

Assim, o texto cria a possibilidade da identificação de qualquer ser humano violentado com a personagem retratada na urdidura de “Os que bebem como os cães”. O tempo impreciso no texto, além de um recurso estilístico, enuncia uma astúcia do autor para tornar seu texto universal e atemporal, ao mesmo que aborda temas de horrores vivenciados no Brasil durante o contexto da escrita, sem necessariamente fornecer quaisquer elementos materiais que pudessem despertar os arroubos autoritários sobre a obra e sobre seu escritor que o vinculassem a algum evento específico. Esse recurso adotado por Assis Brasil assemelha-se àquilo que Michel de Certeau denominou de “táticas do fraco” (Certeau, 1996).

O ritmo da narrativa vai se desenvolvendo em uma espiral massacrante, como se quisesse que o leitor sentisse a angústia do personagem - que ignora onde estava, quem era, de onde vinha e o que o levaria àquela condição, um desconhecimento completo de sua condição histórico-social - para a recuperação parcial e fragmentária de seu nome e de onde estava, sem necessariamente conseguir identificar os motivos que o levaram àquele contexto de terror, como se o autor quisesse afirmar que nada justificava tamanho quadro de violência e de depreciação da condição humana sofrida pelos personagens do livro, que os equiparara inicialmente aos cães pela forma com que se alimentavam, com as mãos amarradas para trás, da refeição fulcral que os envenenava e comprometia sua saúde, cujos efeitos mais deletérios eram sobre sua memória.

A escolha entre comer/ beber e manter-se lúcido, mesmo com fome, remete a tantas questões relacionadas às sociedades humanas, especialmente na contemporaneidade vivida pelo escritor no período de escrita da obra: o Brasil dos anos pós-AI-5, naquilo que ficou conhecido pela historiografia brasileira como “anos de chumbo”, em referência à violência praticada por agentes públicos, a serviço do Estado Brasileiro, contra cidadãos do país, violência agravada e generalizada após 1968, ano de aprovação da referida norma jurídica (Napolitano, 2016; Fico, 2007; Ferreira & Delgado, 2007; Ferreira & Aarão Reis, 2007).

Entre os agentes estatais sobressaíram-se agentes das forças de segurança, civis e militares - militares principalmente. Assis Brasil enfatiza isso quando apresenta que os praticantes das formas de opressão, de violências (empurrões, amordaçamentos, aprisionamentos, etc.) e responsáveis pela imposição às condições degradantes aos prisioneiros eram os “homens de botas”, também denominados de “*guardas*” de “*farda amarela*”, em franca alusão à militarização dos agentes praticantes das medidas de exceção e de violência contra os prisioneiros: “Mas por que o esparadrapo na boca dos presos? Os *guardas* têm medo de nossas queixas ou de nossas próprias vozes” (Brasil, 2010: 17 - grifos nossos). Ou ainda quando Assis Brasil questiona o uso da mordança e da algema e denuncia a prática da tortura, mesmo em situações aparentemente sob controle e que não requeriam tanto rigor:

Por que a mordança no pequeno intervalo no pátio? Por que as algemas dentro da cadeia? Sim, era apenas uma *tortura*, pois não havia possibilidade de fuga para ninguém. E mais uma vez ouviu o barulho sólido das *botas* no chão. A *marcha militar* - cadência dentro da cadência de seu corpo, de seu coração (Brasil, 2010: 19 - grifos nossos).

A explícita referência, no romance, aos militares e sua associação à tortura na obra em cujo país convivia com denúncias de tortura em prisões brasileiras remete ao que é analisado em pesquisas sobre essa prática no cenário brasileiro (Miranda & Tibúrcio, 1999; Fico, 2007), repercutindo país afora e pelo exterior e provocando polêmicas em todo o Brasil e até em outros países, nos quais seus governos eram acusados de apoiarem a ditadura em nosso país (Fico, 2008).

Em um período em que raras eram as pessoas que ousavam denunciar a prática de tortura durante a ditadura no Brasil, e que as que ousavam fazê-lo corriam risco de ser duramente reprimidas e perseguidas pelos agentes da repressão, Assis - que carregava no próprio nome o nome do país -, contemporâneo do tempo das práticas de repressão, de violências e de arbitrariedades - ousa enunciar, em 1975, em seu livro, essas práticas. Além disso, denomina seus praticantes como “vermes fardados que tinham o poder”, que dominavam os outros “esfarrapados como um bando de mendigos” (Brasil, 2009: 48).

O texto apresenta uma trama na qual era necessário descaracterizar cada indivíduo, retirar dele toda a memória e História; restringi-lo não somente de liberdade física, mas de dignidade humana; fazê-lo constranger-se pelos resíduos expelidos, que sujavam suas roupas; aniquilar qualquer idiossincrasia numa homogeneização embrutecedora aos raspar-lhe a cabeça de forma compulsória junto a outros detentos; dopá-lo para tentar esvaziá-lo de passados e de qualquer identificação com os semelhantes; fazê-lo perder o domínio da palavra, da linguagem e de seus ideais; fazê-lo desistir de viver e – principalmente – de sonhar, de ter esperança e de reagir (Guerra, 2020).

É interessante notar a semelhança entre a escolha do personagem que representa a opressão no romance de Assis Brasil: o “homem de botas” - também denominado de “guarda” de “farda amarela”-, responsável pelas violências contra Jeremias e contra os demais prisioneiros com o “soldado amarelo” do romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, obra de 1938 – escrito quando o Brasil enfrentava outra ditadura, a do Estado Novo – após o golpe de 1937, que perseguiu e aprisionou Graciliano Ramos, entre tantos outros críticos do governo varguista. Obra na qual o autor retratara as arbitrariedades praticadas contra um sertanejo analfabeto, Fabiano, por alguns sujeitos, inclusive por um militar:

Em um dia Fabiano foi até a cidade comprar o que faltava em casa, antes de ir embora resolveu tomar um copo de cachaça, se sentia por todos enganado acreditando que sempre lhe cobravam mais do que era certo, assim como o patrão que sempre lhe pagava menos com a história dos juros. Foi aí que um soldado amarelo apareceu e o chamou para um jogo de cartas, como o homem era autoridade, aceitou, mas logo após a primeira rodada foi embora. O soldado lhe seguiu o perturbando até que Fabiano enraivecido xingou a mãe dele. Com isso foi para cadeia. *A ignorância que a pobreza lhe causara não permitiu que ele se explicasse e assim ganhou uma surra e uma noite na prisão* (Ramos, 2014).

A denúncia acerca da injustiça sofrida pelo personagem Fabiano é agravada pela incapacidade no domínio da linguagem, que o impedia de se manifestar contra isso, pelas limitações que isso lhe impingia. Graciliano Ramos também salienta as agressões sofridas por sua personagem na cadeia:

caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando (Ramos, 2014: 31).

Além da descrição das arbitrariedades provocadas por agentes do Estado, os romances “Os que bebem como os cães” e “Vidas secas” relatam o processo de desenvolvimento da consciência sobre a exploração sofrida pelos personagens Jeremias e Fabiano. No decorrer dos capítulos da obra de Assis Brasil, o professor Jeremias vai gradualmente tomando consciência de si, de onde estava e das agressões sofridas: “O certo era que urinava e defecava na própria calça – as algemas, que prendiam os pulsos nas costas não deixavam qualquer possibilidade de uma conduta mais higiênica, mais humana” (Brasil, 2009: 93). O prejuízo à sua condição humana é recorrentemente destacado pelo autor. Ao permitir que seu protagonista recupere resíduos da memória e da consciência sobre si e sobre sua história, o autor vai sensibilizando o leitor para acompanhá-lo no processo e – quiçá – levá-lo a indignar-se contra isso e contra tudo que viola a dignidade humana.

O processo fragmentado e incompleto de recuperação da consciência pelo personagem Jeremias remete à luta e ao direito de memória dos indivíduos e dos grupos violentados. Essa luta pela recuperação da consciência sobre sua identidade, o impulsionava a tentar descobrir o que o fizera ser aprisionado e aviltado na prisão, sem êxito: “Onde está o meu passado?” (Brasil, 2009: 78). A aflição sobre o “comprido corredor da memória” que se “embranquecia” o atormentava. Aos poucos, a memória ia sendo ativada pelo contato que Jeremias teve com outros prisioneiros. Estes ousavam expressar suas emoções por meio de gritos – que simbolizavam a consciência e a contestação da condição desumana a que eram submetidos - e por isso eram violentamente reprimidos pelos homens de farda amarela.

Enquanto a cela era tratada como o ambiente da solidão, o pátio era o ambiente da liberação dos excrementos do corpo, da higienização pelo banho coletivo, era o local de uma breve e fugaz sociabilidade entre os prisioneiros que, mesmo impossibilitados de conversar entre si, comunicavam-se pelos gestos e expressões. Era no pátio que os prisioneiros desfrutavam de “sua falsa liberdade” (Brasil, 2009: 1000) e onde tinham a possibilidade de gritar. O grito era a expressão da consciência sobre as violências e injustiças sofridas na prisão, ao mesmo tempo que mobilizava novas reações entre os aprisionados: “lembrou-se do grito como a realidade maior, que impulsiona, leva à frente” (Assis, 2009: 85), por meio do qual “todos venceriam pela resistência, pela repetição do grito” (Assis, 2009: 76).

No romance, Assis Brasil apresenta que essa consciência de si era conquistada gradualmente, com muita angústia: “Por que não posso recordar? Por quê?”. O contato com outros prisioneiros no pátio contribuiu para acionar sua memória, algo que não se apresenta na integralidade, mas em fragmentos. Mesmo assim, também não está totalmente perdida, assim como ocorre com toda a memória, como adverte Paul Thompson (2002). Aos poucos, o prisioneiro vai recuperando a memória: “o passado que vinha em retalhos, peças de um quebra-cabeça, de um jogo que não queria se completar. *Que mão poderosa o afastava de seu tempo interior?* (Assis, 2009: 131, grifo do autor). Os grifos do autor, ao questionar que poder se interessava pelo seu esquecimento, suscitam como os silenciamentos são produzidos em tempos de autoritarismo e como pode afetar diferentes indivíduos e projetos sociais.

A tomada de consciência por Jeremias, mesmo quando ocorria, dava-se através de “fiapos do passado”, por onde recuperava fragmentos da memória, por onde se conseguiria construir a consciência histórica. Mas, para o autor, até mesmo a busca por desvendar o passado também gerava entorpecimentos. A recuperação gradual e fragmentada da memória pelo personagem é indispensável para a consciência sobre sua condição de aprisionado e violentado em que vivia, bem como para sua reação contra isso, manifestada pela recusa do consumo da sopa ou da água do tanque – responsáveis por promover seu esquecimento – ou quando ousa repetir o gesto dos outros prisioneiros e passa também a gritar.

Várias são as formas de tomada de consciência de si por Jeremias, entre as quais sobressaem a consciência sobre seu nome e sobre sua profissão: Jeremias, um professor, recordação feita apenas no penúltimo capítulo do livro, de forma oscilante, em que a condição do tempo é impreciso, parece vim de uma lembrança do passado; lembrança essa que aparece em frases repetidas, como num sonho, não parece ser contemporânea do tempo da prisão, mas talvez apresente alguns elementos que sugerem os motivos que o levaram àquela condição desumanizada em que viva:

Hoje é dia de meu aniversário, tenho quarenta e dois anos, me chamo Jeremias, sou professor de literatura, tenho uma mulher e uma filha, minha mãe ainda está viva, a casa em que moramos é alugada, tem um jardim onde cultivo flores, hortênsias, margaridas, tem um quintal cheio de manguieras, todo dia saio de casa pela manhã e vou para a escola, não tenho carro, pego o ônibus das nove horas (Brasil, 2009: 139).

Esse enunciado repete-se dez vezes consecutivamente, mantendo o mesmo início, como uma reminiscência que relampeja diante ao perigo, como Walter Benjamin (1996). Jeremias repete uma dezena de vezes: “Hoje é dia de meu aniversário [...]”, modificando a parte final do parágrafo, na qual acrescenta algumas informações e dados sobre si: era professor de Literatura, que ensinava sobre a “utilidade da arte num mundo de inúteis” (Brasil, 2009: 140), num mundo de tecnocratas, em que se valoriza áreas como economia. Era casado, tinha uma filha e mãe – mulheres fundamentais na recuperação parca de sua memória ao longo do romance. A mãe é por quem ele e os outros prisioneiros gritavam diante das torturas. Estava escrevendo um livro, uma obra que pretendia despertar os “distraídos” para a importância da arte (Guerra, 2022, 2017). Interessa-se pela vida de Sócrates e pela forma que foi condenado à morte: “agitou ou não os estudantes?” (Brasil, 2009: 140). Essas lembranças parecem sugerir o motivo pelo qual fora preso. Ele próprio também seria um filósofo?

Os parágrafos sucedem-se embaçados, como lembranças confusas, até lembrar de ser chamado ao gabinete do diretor, onde volta a enunciar a frase que inicia o romance: “a escuridão é ampla e envolvente” (Brasil, 2009: 141), de onde vêm lembranças confusas, que parece ser quando fora detido, parece ouvir os comandos: “Deixa as mãos dele algemadas” (Brasil, 2009: 141). A partir de então, as lembranças parecem ser do cárcere, mais uma vez, sem precisar o tempo transcorrido entre a data do aniversário e a recuperação desses fragmentos das lembranças:

Aos poucos ia apalpando o escuro da cela, o silêncio da escuridão, o zumbido do próprio corpo, estava no chão frio, os braços para trás das costas, aos poucos ia apalpando o chão com o corpo, de bruços, o rosto quase a tocar a areia: sentia o cheiro da terra – uma terra vermelha e usada, o mofo no ar, o cheiro de urina – sentia as paredes, mesmo sem vê-las na escuridão: a opressão do cubículo estava em seu corpo, em seus poros (Brasil, 2009: 141).

Jeremias, um professor de Literatura, apreciador de artes e de filosofia, escritor, sem muitas posses materiais, com uma rotina simples entre a casa, o ônibus, a escola e um pequeno clube, aprisionado no ambiente de trabalho, sem reconhecer o motivo da prisão, ao que parece, denunciado como o filósofo grego ao qual apreciava, por razões desconhecidas, talvez por ser também considerado um “agitador” de ideias entre os jovens. Mas isso nem ele próprio lembra.

O que é possível inferir é que a situação do protagonista do romance de Assis Brasil faz lembrar de muitos outros brasileiros denunciados, perseguidos, processados ou aprisionados no tempo da ditadura instaurada no pós-golpe de 1964, como indicam as pesquisas históricas que informam que “a repressão que se seguiu ao golpe não pôde [sic] calar setores de classe média, principalmente no meio intelectual e artístico” (Napolitano, 2007: 188). Isso porque, segundo a explicação de Marcos Napolitano, “estudantes e jovens intelectuais também seriam os principais integrantes dos grupos de oposição clandestina à ditadura”.

Jeremias, um personagem de uma obra literária, pode representar qualquer pessoa violentada pelo arbítrio de um poder autoritário em qualquer lugar ou temporalidade, mas preferimos ler o texto com a vinculação da obra ao tempo e lugar de sua produção. Assim, consideramos que Jeremias poderia representar um dos vários professores ou intelectuais presos durante a ditadura civil-militar em vigência no Brasil no tempo da produção do livro, ou mesmo os muitos estudantes detidos ou processados nesse período, uma vez que:

Esse meio estudantil insubordinado constituía o público principal do teatro, do cinema, das artes plásticas, da literatura, das canções, dos ensaios, das revistas e jornais, enfim, da produção artística e intelectual mais expressiva do período – quando não era mesmo o produtor (Napolitano, 2007: 190).

Muitas outras são as humilhações e horrores narrados na obra, a ponto de Jeremias lutar por sua lucidez e pela vida, até encontrar como modalidade central de resistência adotar a mesma forma de luta de seus colegas: esfregar os pulsos contra o muro até o jorrar de seu sangue por fim às angústias e aflições enfrentadas no cárcere. A medida extrema do personagem acompanha o processo de desespero de alguém que se vê impotente diante da humilhação e do martírio. O jorrar do sangue vermelho, mais que uma fuga, é tratada no romance como uma forma de luta. A princípio, ele tenta evitar que seus companheiros de prisão atentem contra a própria vida: “Vivam, homens!”. À medida que o tempo transcorre e agravam-se as torturas e violências, o esfregar os pulsos no muro é visto como a reação possível contra a opressão.

4. Considerações Finais: Relampejos de luz sobre as “sombras” autoritárias

Talvez a última reação, ante a impotência de presenciar e ser submetido a tanta truculência, seja mais uma tentativa de promover a reflexão sobre o papel dos professores que foram condenados por promoverem o conhecimento crítico entre seus estudantes, como ocorrera com o filósofo Sócrates na Grécia Antiga. Como se pretendesse escrever uma analogia ao mito da caverna, de autoria de Platão^{3.1}, Jeremias iniciara o romance na escuridão; aos poucos foi tendo acesso a “sombras” sobre si e sobre seu passado, sombras que vão se transformando em memórias esparsadas sobre quem era, sua família, seu ofício. Relampejos de luz apontam sobre seu passado, ainda marcado pela escuridão que o impedia de conhecer o que fizera para justificar sua prisão e tanta violação contra sua condição humana – mas, à medida que relembrava, era como se saísse da escuridão que lhe assolava.

No convívio com outros presos, foi tomando consciência de si, de sua história e de seu passado, tentando entender o que motivara sua prisão, sem entender. Tudo o que lembra é de maneira incompleta e demarcado por restrições. Desconhece muitas de suas reações diante de algumas situações: lembra-se clamando pelo colo da mãe e por justiça. No processo, lembra as violências sofridas na prisão, evita alimentar-se por receio de ser envenenado. O veneno apaga sua memória, sua história; desconfia das botas e dos desfiles militares; não consegue desenvolver diálogo com outros prisioneiros; passa a criar um laço de carinho com dois ratinhos de sua cela: César e Julieta (alusivos ao rei e à personagem shakespeariana): ao nomeá-los, procura humanizá-los por considerar os homens que o encarceravam vermes. Mais uma vez, assim com Graciliano Ramos já fizera, os animais ganham características humanas enquanto os homens se desumanizam.

No texto do autor piauiense, os ratos são seus companheiros, por quem sente compaixão e carinho, enquanto os humanos que o agridem vão evidenciando sua desumanidade ao reprimir e oprimir seus semelhantes, tornando-se vermes. No processo de recuperação de alguns lampejos de passado, não localizara nenhuma prática de crime em sua história que justificasse sua prisão e as violências sofridas, exceto o fato de valorizar a liberdade de pensamento e de procurar ensinar isso a seus estudantes, seja em suas aulas, ou no livro que estava escrevendo – processo que parecia ter sido interrompido pelo aprisionamento. Seu grande crime parece ter sido defender a liberdade e a dignidade humanas, através da Literatura, das artes e do amor ao conhecimento crítico. Lembra-se remotamente – como toda lembrança que recuperava – que fora preso no ambiente escolar, no dia de seu aniversário.

Até isso ele desconhecia se realmente tinha ocorrido ou se estivera sonhando ou em processo de alucinação, pois suas lembranças estavam comprometidas, irrompiam de maneira nebulosa e imprecisa. Sua perspectiva de tempo o remetia a angústias, violências e repressão, que ele tinha certeza de que inviabilizavam sua condição humana e o oprimiam – como faziam com tantos outros homens aprisionados e desumanizados. Sabia disso pelas cenas que presenciara, não pelo diálogo, pois estivera impedido de se comunicar além dos

^{3.1} No romance, Assis Brasil faz algumas referências indiretas ao mito da caverna, de Platão.

gemidos, olhares e expressão de gritos e de gestos de desespero ou de resistência de cada um. Foi assim que acompanhara sucessivas mortes desses homens, que lançavam seus pulsos contra o muro, na tentativa de interromper o ciclo de horror ao qual eram submetidos.

Entre suas dores, estava a de ser impedido de ter consciência sobre seu passado, naquilo que, aos poucos, foi identificando como uma das principais estratégias para tentar dominá-lo e a todos os outros detentos. Ter conhecimento de si e de sua história era uma ameaça ao poder constituído que os aprisionara e os oprimia. Mas ele continuava a desconhecer por que isso ocorrera. A consciência de sua história era tão poderosa que era preciso drogar a ele e aos outros presos para esquecerem seu passado e se descaracterizassem. Mas isso não fora suficiente para dominá-lo por completo. Aos poucos, no convívio com a coragem dos outros que ousavam gritar, sua memória foi sendo acionada – de forma parcial, restrita – mas capaz também de impulsioná-lo a lutar e a reagir, com pequenos atos ou gestos, até conseguir gritar também ou quando fez o ato mais extremo direcionando-se contra o muro, para interromper o ciclo de terror ao qual fora submetido.

A consciência da importância do grito e da luta o fortalecera, o impulsionara a descobrir mais e a reagir contra aquela condição degradante a que fora submetido. A cada resíduo de memória recuperado, um pouco de si era reencontrado, mais consciência sobre a condição indigna vivida ele obtinha. Descobria a importância de sua vida e dos seus “companheiros” – termo que pode ter sido usado para fazer referência à conotação política das formas de tratamento entre militantes de esquerda que lutavam contra o regime autoritário brasileiro dos anos de 1970 ou contra qualquer outro tempo que valoriza as formas de opressão. “Os que bebem como os cães” continua contemporâneo nosso pela atualidade das questões suscitadas e pelas reflexões que provoca, assumindo-se como atual pela pertinência das temáticas tratadas e pela qualidade das discussões que, elegantemente, promove.

Nesta análise sobre a obra, interessou-nos tratá-la como uma linguagem adotada para despertar a consciência brasileira no leitor, para que esse entenda, se sensibilize e possa combater as opressões que afligiram a sociedade brasileira no tempo da escrita e de sua publicação. Mas Assis Brasil foi muito além, transformou o tempo, o espaço e a problemática do texto em universais, fazendo de seu texto uma defesa dos direitos humanos e da dignidade humana, como direitos inalienáveis. Se o romance de Assis Brasil pode ser considerado universal e sem fronteiras históricas ou geográficas, e a temática pode se remeter a qualquer circunstância em que a dignidade humana é ameaçada, consideramos que Jeremias é uma homenagem a todo aquele ou a toda aquela que toma consciência de si e defende a importância da liberdade ou se insurge contra as formas de opressão e de abuso contra a dignidade humana, e torna-se um “homem em luta”. Entre tantas de suas lições, a última: a coragem de escrever seu próprio destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aarão Reis, D. (2010). Ditadura, anistia e reconciliação. *Estudos Históricos. Rio de Janeiro*, 23(45), 171–186.
- Arend, S. M. F., & Macedo, F. (2009). Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Revista Tempo & Argumento*, 1(1), 201–216.

- Benjamin, W. (1996). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Bosi, A. (2015). *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34.
- Camus, A. (2004). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record.
- Certeau, M. (1996). *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Delacroix, C. (2018). A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. *Revista Tempo & Argumento*, 10(23), 39-79.
- Ferreira, J.; Gomes, A. M. (2014). *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, J.; Delgado, L. A. (Orgs.) (2007). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Livro 4, 2ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, J.; Aarão Reis, D. (Orgs) (2007). *Revolução e Democracia (1964-...): as esquerdas no Brasil*, v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fico, C. (2008). *O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fico, C. (2007). Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In Ferreira, J.; Delgado, L. A. N. (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX* (pp. 167 - 201). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Figueiredo, A. M (1998). Letras insulares: leituras e formas da história no modernismo brasileiro. In Chalhoub, S.; Pereira, L. A. de M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* (pp. 301-331). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Guerra, P. (2017). A canção ainda é uma arma: ensaio sobre as identidades na sociedade portuguesa em tempos de crise. In Nascimento, F. de A. de S., Silva, J. C., & Ferreira da Silva, R. (orgs.). *História e arte: teatro, cinema, literatura* (pp. 149-172). Teresina: EDUFPI.
- Guerra, P. (2020). Quando a geografia afetiva e a cartografia sentimental se juntam. Uma leitura possível de Ulisses: entre o amor e a morte. In Mauriz Lima, M. E., & Topa, F. (orgs.). *Ulisses entre o amor e a morte e seus vários temas* (pp. 127-158). Vinhedo- São Paulo: Editora Horizonte.
- Guerra, P. (2022). *Sul, Sertão e Flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global*. Anos 90, 29, 1-15.
- Guerra, P. (2023a). Costureiras, modistas e cosmopolitismo estético em Portugal e no Brasil entre-duas-guerras [Tailoresses, fashionistas and aesthetic cosmopolitanism in Portugal and Brazil between the two wars]. *albuquerque: revista de história*, 5(29), 84-104.
- Guerra, P. (2023b). Ninguém nos ensina como viver. Ana da Silva, The Raincoats e a urgência de (re)existir [Nobody teaches us how to live. Ana da Silva, The Raincoats and the urgency of (re)existing]. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, SP, 7(1), 212-249.

- Marx, W. (2019). *Ódio à literatura: uma história da antiliteratura*. São Paulo: Paco Editorial.
- Miranda, N. ; Tibúrcio, C. (1999). *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar – a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo/ Perseu Abramo.
- Napolitano, M. (2002). *Cultura e poder no Brasil contemporâneo: 1977-1984*. Curitiba: Juruá.
- Napolitano, M. (2016). Entre o imperativo da resistência e a consciência da derrota: a literatura brasileira durante o regime militar. *Literatura e Sociedade*, v. 23: 232-243.
- Napolitano, M. (2007). Intelectuais e artistas brasileiros nos anos de 1960/1970: “entre a pena e o fuzil”. *Artcultura*, v. 9, 185-195.
- Ramos, G. (2014). *Vidas secas*. 124. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Ridenti, M. (2014). Cultura. In.: Reis, D. A. (Coord). *Modernização, Ditadura e Democracia (1964-2010)*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Schwarcz, L. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Schwarcz, L.; Starling, H. (Orgs.) (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sevcenko, N. (2003). *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schorske, C. E. (2000). *Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thompson, P. (2002) *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra.

Cláudia Fontineles

Professora Associada da Universidade Federal do Piauí - Departamento de História, Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Ciência Política. Bolsista em Produtividade Científica CNPq. Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco - Brasil). Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella s/n - Ininga, Teresina - PI, Código Postal: 64049-550. E-mail: claudiafontineles@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5398-0354>.

Receção: 10-08-2023

Aprovação: 20-01-2024

Citação:

Fontineles, Cláudia (2024). Muito mais que um grito. História e literatura no combate ao autoritarismo. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(1), 26-41 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav7n1a3>



